

## A FILOSOFIA DO OLHAR E A EXPERIÊNCIA DO PENSAMENTO ● Rodrigo Vieira Marques

Professor da Faculdade de Letras da UFG

60 anos de publicação da *FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO*

Quando ouvimos falar em filosofia, nossa primeira reação pode ser de estranheza diante de uma linguagem geralmente distante do nosso dia-a-dia. No entanto, quando nos aproximamos da filosofia contemporânea, percebemos que isso nem sempre é verdadeiro. Aliás, isso pode valer, dependendo do ângulo que se toma, para a filosofia em geral. Não podemos negar, contudo, que o pensamento contemporâneo, perante os paradoxos criados pela tradição filosófica, reluta-se constantemente em não permanecer simplesmente preso em simples “vãos metafísicos”. Pensar a filosofia, nesse horizonte, exige uma ruptura com os véus que podem cobrir o nosso olhar, os quais podem nos tornar míopes em nossa leitura filosófica que, acima de tudo, encontra-se na relação que estabelecemos com um texto.

Nesse sentido, ler a obra de um pensador é, antes de tudo, colocar-se na dinâmica de reflexão na qual ele mesmo se colocara quando ousara ensaiar suas primeiras linhas. Homenagear um filósofo não é lhe render adjetivos, fazer de seu nome o nome de uma rua ou de uma praça deserta nos labirintos inóspitos de uma cidade. Pelo contrário, é ouvir novamente a sua voz e fazer do ato de pensar um percurso não mais solitário, mas acompanhado pelas questões filosóficas enfrentadas por um determinado autor. É assim que nos voltamos para a *Fenomenologia da percepção* (1945), uma obra que, emergindo no cenário contemporâneo, mais do que nos apontar para as peripécias teóricas de seu autor, Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), transporta-nos para uma “paisagem de pensamento” na qual a experiência humana adquire um estatuto ontológico. Que perspectivas são abertas *grosso modo* por esse texto? Que trilhas podemos vislumbrar?

A *Fenomenologia da percepção* tem por tarefa resgatar, em primeiro lugar, nossa experiência do mundo que, desconsiderado por algumas filosofias, especialmente pelo

cartesianismo, adquire a dignidade de um problema filosófico. O mundo não é uma simples representação, mas o nosso solo, a nossa pátria. Por sua vez, a consciência não é uma senhora soberana que iluminaria uma realidade tenebrosa, mas ela é perceptiva. Isso expressa a ruptura com pensadores como Descartes que, considerando o mundo e a consciência como substâncias, acreditava ser possível o conhecimento apenas por meio das idéias geradas pelo poder do homem de representação. Pensar a consciência como consciência perceptiva significa pensá-la também como uma consciência intencional, ou seja, como uma consciência que, longe de subsistir apenas em si mesma e sobre si mesma, dirige-se para o mundo, para o outro. Não há consciência em si mesma, como já diriam os fenomenólogos alemães, mas “toda consciência é consciência de alguma coisa”. Merleau-Ponty, porém, ao considerar a consciência como perceptiva nos indica que não basta pensá-la como uma relação, como uma intencionalidade, mas é preciso integrá-la à nossa experiência, às vivências do nosso corpo, ou melhor, às vivências de uma subjetividade encarnada.

Encontrando-se na fronteira da filosofia com a psicologia, a *Fenomenologia da percepção* pode ser considerada uma obra anfíbia. Para Merleau-Ponty, é preciso haver, entre filosofia e ciência, um diálogo. Nisso encontra-se a aproximação da psicologia. Pensar o homem não pode ser uma tarefa de gabinete, mas uma tarefa corajosamente interdisciplinar. À filosofia cabe a tarefa de refletir acerca dos fundamentos metafísicos da ciência, da gênese e das conseqüências das idéias que podem expressar uma visão de mundo. Assim compreendemos também os diálogos do filósofo com a fisiologia, com a física e também com a psicanálise. A *Fenomenologia da percepção*, contudo, não é um tratado científico, um manual de psicologia, mas, em primeiro lugar, um texto filosófico. O que isso significa? Sua intenção é compreender o homem e o mundo sem impor fórmulas, regras ou princípios dogmáticos. Sua tarefa é nos conduzir à experiência do próprio pensar como uma vivência inusitada. Ela se encontra na dinâmica de um duplo movimento iniciado com um outro texto de Merleau-Ponty, *A estrutura do comportamento* (1942).

Enquanto a primeira obra se centrava em um ponto de vista científico marcado pela exterioridade, a *Fenomenologia da percepção* emerge em um horizonte filosófico que tem por tema a subjetividade. Não que haja o ensejo em legitimar uma dualidade entre um “espectador externo” e um “observador interior”. Pelo contrário, o texto de 1945 nasce em um

movimento que, percorrendo pontos de vista extremos, espera de seu leitor a compreensão de que uma dicotomia do olhar não tem sentido. A visão externa do cientista – que se volta para o homem como para um objeto estranho a si mesmo sem se aperceber também como homem – e a visão do filósofo – que se volta para o homem a partir apenas do pensamento, de um “eu interior” – são complementares. Pensando assim, idealismo e realismo, espírito e matéria, pensamento e extensão, intelectualismo e empirismo comungam dos mesmos erros, não são capazes de compreender a experiência do fenômeno humano como a de um ser que é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto.

Um retorno à percepção indica um retorno à experiência do mundo como um fundo no qual emerge o nosso olhar. Estamos no mundo, dizia o filósofo usando uma expressão de Heidegger, e apenas no mundo podemos nos conhecer. Trata-se, sobretudo, de um abandono do psicologismo, do pragmatismo, do empirismo. A percepção no momento mesmo em que se faz percepção, mergulhada em um real que nos oferece o próprio ser, em um primeiro momento, sem nenhum juízo de valor, como uma estrutura, um todo configurado, deve ter a sua dignidade ontológica resgatada por uma filosofia não mais presa em meras especulações. O homem só pode ser compreendido como um “ser existente” que, inserido no tempo, não foge ao “concreto” da história, mas é perpassado por ele, a história é o fundo donde surge o próprio agir humano.

No centro da discussão, todavia, encontra-se o “sensível” que, não sendo uma soma ou conjunto de partes desconectadas entre si, é um verdadeiro tecido no qual nasce a vivência do sentido. Não sendo uma consciência senhoril capaz de sobrevoar o mundo com especulações superficiais, o homem é um ser encarnado, dado que não temos apenas

um corpo, mas somos o nosso corpo. Os estudos da Psicologia da Gestalt aprofundados na *Fenomenologia da percepção* apontam para Merleau-Ponty um horizonte existencial no qual o homem se encontra mesclado com seu mundo, feito do mesmo tecido que ele e “destinado” a uma experiência do sentido que emerge, antes de tudo, de uma estrutura. O mundo não é um mosaico de sensações. As fronteiras dos nossos sentidos não são tão bem delimitadas como imaginamos. O visível e o tangível, longe de estarem divorciados, configuram na “nervura do real” um verdadeiro entrelaçamento.

Na *Fenomenologia da percepção*, Merleau-Ponty esboça uma fenomenologia existencial na qual vislumbramos a descrição de um sujeito que se encontra sempre em “situação” em meio a um mundo concreto. A percepção nos conduz a um mundo anterior ao conhecimento e aos julgamentos que dele se possa fazer e, assim, desvela-nos um mundo carregado de sentido. Nesse mundo originário, ser significa, sobretudo, ser com o corpo. O filósofo promove uma mudança de enfoque, a passagem de um “espectador desinteressado” para um “homem que percebe” e, assim, para um homem que experimenta a verdade no intervalo entre si mesmo e o mundo, entre si mesmo e o outro. Propor um primado da percepção não significa uma negação do pensamento como ajuizavam alguns dos contemporâneos de Merleau-Ponty que não entenderam o projeto de uma “fenomenologia da percepção”.

Se por fenomenologia podemos entender o retorno a um fenômeno que se articula na ruptura com os dualismos clássicos entre sujeito e objeto, uma “fenomenologia da percepção” indica um retorno a um sujeito que é uma mistura de consciência e corpo, constituindo-se como um “corpo sujeito” ou como um “sujeito encarnado”. Repensar a *Fenomenologia da percepção* significa, portanto, repensarmos essas questões. Quiçá, em um tempo ainda marcado pelo esquecimento da unidade do nosso ser, da dignidade de nosso corpo e da nossa experiência do mundo, da vivência de um agir situado e configurado no solo da história e no horizonte da convivência com as diferenças, do resgate antropológico diante das investidas de um real mecanizado, da vivência de uma linguagem que constitui o nosso próprio ser, a leitura da *Fenomenologia da percepção* possa nos ajudar a reaprender a nos ver e a ver o mundo sem estar, como diria Fernando Pessoa, com a “alma vestida”. ✨